

MALALA YOUSAFZAI: A IMPORTANCIA DAS MÍDIAS PARA A CONSOLIDAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

Ramon Candido Silva (IC) e Ines Manuel Minardi

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO:

Este trabalho de iniciação científica tem como objetivo investigar, contextualizar e entender a importância dos veículos midiáticos para a consolidação dos direitos humanos das mulheres sob a perspectiva cultural, neste caso, como os direitos humanos das mulheres são abordados no direito Islâmico e sobretudo como o estudo de caso da menina Malala Yousafzai, positiva o papel das mídias para dar voz as mulheres em lugares dominados pela representatividade hegemônica masculina.

Tendo como ponto de partida o relato pessoal da garota paquistanesa em forma de diários vinculados com a BBC (British Broadcasting Corporation), o livro “ Eu sou Malala – a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã”, o documentário: “ Class dismissed” vinculado ao canal midiático The New York Times precedente ao ataque do Talibã e posteriormente, o filme: “He named me Malala”, que descreve a trajetória e o relacionamento entre Malala e sua família.

Contudo, esta pesquisa também traduz a coexistência de fatos inerentes a cultura paquistanesa em relação ao grupo extremista Talibã, argumentando a questão de gênero sob a ótica do Corão, a vinculação das mulheres na mídia na zona de conflito em questão e, por conseguinte romper o estigma da mídia como um veículo passivo e coloca-la como edificadora ao transpor as barreiras impostas por grupos e regimes midiáticos contraventores dos direitos humanos e regimes bárbaros.

Assim, no escopo desse trabalho serão trabalhadas as hierarquias de gênero, a construção da figura da menina Malala Yousafzai, a divulgação dos veículos midiáticos envolvidos no caso e a articulação transnacional da legitimidade das mulheres ao resistirem à opressão.

Palavras-chave: Direitos das mulheres, Malala Yousafzai, Mídias.

ABSTRACT

This scientific initiation study aims to investigate, contextualize and understand the importance of media vehicle for the consolidation of human rights of women under the cultural

perspective, in this case, as the human rights of women are covered in Islamic law, and especially as the study case of girl Malala Yousafzai, positive role of the media to give voice to women in places dominated by male hegemonic representation.

Taking as its starting point the personal account of the Pakistani girl in the form of daily dairy to the BBC (British Broadcasting Corporation), the book "I am Malala - the story of the girl who defended the right to education and was shot by the Taliban," the documentary, "Class dismissed" linked to the media channel the New York Times precedent to attack the Taliban and later the film: "He named me Malala," which describes the history and the relationship between Malala and her family.

However, this research also reflects the coexistence of facts inherent in Pakistani culture in relation to the extremist group Taliban, arguing the gender issue from the perspective of the Koran, the linkage of women in the media in the conflict zone in question and therefore break the media stigma as a passive carrier and brought it as edifying to overcome the barriers imposed by groups and media systems of human rights offenders.

Thus, the scope of this work will be worked gender hierarchies, the construction of the figure of the girl Malala Yousafzai, the dissemination of the media vehicles involved in the case and the transnational articulation of the legitimacy of women to resist oppression.

Keywords: Women's rights, Malala Yousafzai, Media

INTRODUÇÃO

Introdução ao problema vinculado aos conflitos existentes na perspectiva de desigualdade de gênero no Paquistão

Os direitos humanos são amplamente discutidos, a premissa do mesmo pode ser entendida superficialmente ou erroneamente como um sentido único, hermético e irrefutável. Porém, ao contextualizar esse sentido em uma extensão cultural não-ocidental, é possível afirmar que novas interpretações surgirão do direito natural criando um segundo direito, este, por ora, influenciado ou direcionado pelas polarizações religiosas.

Na prática, os direitos humanos são moldados através de um longo processo de desenvolvimento de contribuição histórica, entretanto as primeiras abordagens sobre o assunto conjecturaram na declaração dos direitos como: “ Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão. ” Em nenhum momento esses chamados “direitos” foram compreendidos naquele tempo como alusão aos direitos das mulheres, aponta a diplomata em direitos humanos Elisabet Coll I Jordàn no primeiro curso de Outono da Escola de Teologia Feminista.

Sob a perspectiva de gênero, a princípio Malala em seu livro exemplifica como eram tratadas as mulheres antes do comando do Talibã.

Das mulheres, espera-se que cozinhem e que sirvam seus pais e irmãos. Enquanto os homens e os meninos podem andar livremente pela cidade. Minha mãe não tinha autorização para sair de casa sem que um parente do sexo masculino a acompanhasse, mesmo que esse parente fosse um garotinho de cinco anos de idade. É a tradição. (YOUSAFZAI, MALALA,1997)

Precisamente os direitos e deveres das mulheres do Magreb, fixam com o fiqh, os códigos de conduta na esfera de direito e de acordo com a doutora em antropologia Iolanda Aixelá Cabré, feministas desse país estão tentando modificar as leis mais desfavoráveis nos coletivos feminino árabe-muçumano como o sufrágio universal e o direito ao trabalho. Sobretudo, ela pontua em seu discurso que a definição de gênero no Corão é substancialmente de complementaridade. Assim, as mulheres se realizam no interior da casa, no âmbito familiar, como descreve o Livro,

E recomendamos à homem benevolência para com os seus pais. Sua mãe o suporta, entre dores e dores, e sua desmama é aos dois anos. (E lhe dizemos) Agradece a Mim e aos teus pais, porque retorno será a Mim. (O Corão, sura XXXI Luqman, versículo 14, p.552).

Por conseguinte, outro relato que compõe o cenário de desigualdade de gênero vivido no Paquistão é o posicionamento opressor do Talibã para que mulheres fossem proibidas de estudar.

Um dia recebemos um comunicado de Sufi Mohammad, da prisão, determinando que as mulheres não deviam estudar, nem mesmo as meninas das madrasas. “Se alguém for capaz de dar um exemplo de que o Islã permite madrasas para mulheres, tem permissão para mijar em minha barba”, disse ele. Depois disso o Mulá FM voltou a atenção para as escolas. Fazfullah começou a falar contra os estabelecimentos de ensino e a parabenizar as garotas que deixavam de estudar, citando nomes. “A srta. Y parou de ir à escola e vai para o céu”, comentava. A srta. X, desta aldeia, deixou de frequentar a escola quando estava no quinto ano. Eu a parabeno.” Garotas como eu, que continuavam a frequentar a escola, eram chamadas de búfalos e ovelhas. (YOUSAFZAI, MALALA, p.128,1997).

Dentro dessa necessidade de criar a problemática de forma significativa, Malala ainda no início do seu livro menciona como era sua vida antes e depois da invasão e dominação do Talibã como no descrito abaixo,

Quando ouvia as histórias sobre as atrocidades que aconteciam no Afeganistão, eu celebrava o Swat. Aqui uma menina pode ir à escola, eu dizia. Mas o Talibã estava logo ali, na esquina, e era pachtum como nós. Para mim, o vale era um lugar ensolarado. Não pude ver as nuvens se juntando atrás das montanhas. Meu pai costumava falar: “Vou proteger sua liberdade, Malala. Pode continuar sonhando.” (YOUSAFZAI, MALALA, p.77,1997).

E não é só a questão de inequidade de gênero que Malala traz em seu relato pessoal, existia por conflitos externos arquitetados nas áreas de fronteira com o Paquistão, o Afeganistão, depois do atentado de 11 de setembro, a realidade social e política dos países adjacentes mudaram, e sob o domínio da persuasão americana era difícil não colaborar com um “bem maior”,

Musharraf afirmou ao povo que não tinha outra escolha a não ser cooperar com os americanos. Contou que eles declararam: “Ou vocês estão conosco, ou estão com os terroristas”. Musharraf também disse que os americanos haviam ameaçado bombardear o Paquistão até fazer com que voltássemos à Idade da Pedra caso não colaborássemos (YOUSAFZAI, MALALA, p.96,1997).

O Estado é responsável por assegurar e responsabilizar claramente as conexões errôneas, porém, as implicações de julgamento não cabem serem expressadas nesse trabalho, a personagem principal é Malala Yousafzai, e entre todas as implicações de sua representatividade como mulher Islâmica, ela tinha um sonho de ter um mundo melhor, seja para seu próprio benefício como estudante, e, principalmente, do interesse ao próximo como semelhante:

Querido Deus

Sei que o Senhor vê tudo, mas há tantas coisas que às vezes alguns detalhes passam despercebidos, sobretudo agora, com o bombardeio no Afeganistão. Mas acho que o Senhor não ficará feliz se visse como a maneira como algumas crianças da minha rua estão vivendo, num lixão. Deus, me dê forças e coragem e me aperfeiçoe, pois quero transformar este mundo num mundo perfeito, Malala. (YOUSAFZAI, MALALA, p.98,1997).

REFERENCIAL TEÓRICO

Direitos e deveres das mulheres através do direito Islâmico

Nesse entrelaçamento de diferenças culturais e imposições, o direito e dever da mulher Islâmica está intimamente ligado ao Corão, como foi exemplificado anteriormente. É importante delinear o que representa os direitos humanos em cada cultura, especificamente a Oriental e a Ocidental, entretanto, para isso deve-se ter como base as pluralidades que os “direitos humanos” tem.

Segundo Beielefeldt (2000) Na perspectiva cosmológica medieval, por exemplo, existe diferentes graus, do que é muito usado hoje, para definir os direitos, que seria a “dignidade”, essa por sua vez, era compreendida no plural, e por consequência, indicava diferentes níveis de dignidade dependendo o status, ranking, ordem e estado em uma sociedade feudal.

Dessa forma, ao olharmos para o fato da desigualdade de gênero como uma questão que afronta os preceitos dos direitos humanos, é importante levar em consideração que, culturalmente a sociedade em que se projeta a equidade de gênero é moldada com a massificação cultural da desproporcionalidade de classes, reverberado na apropriação da igreja como aponta Bielefeldt (2000, p. 96-97),

O fato de que as igrejas Católicas, assim como outras igrejas, rejeitaram os direitos humanos por um considerável tempo, indica que os direitos humanos não podem ser propriamente descritos como “orgânico” resultado da História ocidental como um todo. Direitos Humanos não desenvolveram com um “desdobramento natural” de ideias humanitárias profundamente enraizadas na tradição cultural religiosa Europeia. Pelo contrário, pessoas do Ocidente, também, tinham (e ainda tem) que lutar pelos seus direitos serem respeitados. (BIELEFELDT, 1998).

Uma vez desmistificado, a superioridade em relação ao Oriente da apropriação dos direitos humanos pelo Ocidente como produto ocidental, é possível conjecturar o que é a visão dos direitos humanos com exemplificações dadas pela visão histórica dadas por uma

investigação minuciosa de como esse direito na esfera política, econômica, cultural e religiosa se revela,

A Constituição de 10 de março de 1972 estabelece a igualdade de todas as marroquinas perante a lei (art.5), consagrando a liberdade e igualdade nos direitos políticos e civis de homens e mulheres (art.8), bem como as liberdades públicas (art.9). Também nos interessa destacar os artigos nos quais se afirmar que todos os cidadãos têm o mesmo direito à educação e ao trabalho (art.13). (Os direitos Humanos das mulheres no século XXI, p.57, 1999).

Na Argélia os códigos tiveram um ponto de não convergência pelos constantes conflitos entre os partidos que queriam modernizar o estado contra o que queria a “islamização da sociedade”. E, nesse processo de ambiguidade social Iolanda Aixelà Cabré relata, o papel importante das mulheres na conquista da independência da Argélia.

Durante a guerra contra a França, as mulheres desempenharam um importante papel transportando bombas por debaixo de suas vestes e lutando lado a lado com os homens. No entanto, elas foram deixadas de lado, logo após a independência. Sua luta não estava dirigida para as reivindicações femininas mas para um objetivo de bem-estar comum para todos os argelinos a independência. (Os direitos Humanos das mulheres no século XXI, p.57, 1999).

Mas para entender de fato os questionamentos feitos por mulheres que moram no Paquistão e a proporcionalidade delas na mídia, é preciso levar em consideração o valor normativo das mulheres que se pronunciam em mídias independentes como em blogs, no artigo publicado por Huma Yusuf, jornalista do Paquistão, ela coloca sob perspectiva a visão dela sobre inequidade de gênero no país, nas palavras dela,

Mas poucas mulheres celebradas e celebridades não podem resumir a realidade experimentada pelas mulheres paquistanesas. A participação da força de trabalho feminina tem crescido gradativamente, flutuando para 25 por cento de 19 por cento na década passada, de acordo com World Bank estatísticas. Lastimável estatística de participação de trabalho feminino, aponta para outro pobre indicador em termos de educação adquirida por mulheres, nível de desnutrição, pobreza, saúde e planejamento familiar (...) uma política que foque em empregabilidade feminina é extremamente necessária devido a rápida taxa de urbanização no Paquistão. Mais de 50 por cento da população estará vivendo nas cidades na próxima década, e a urbanização irá mudar o papel da mulher, forçando-a a participar trabalhando e contribuindo para casas com duas fontes de renda para compensar o aumento do custo de vida nas cidades. (Huma Yusuf, Sep 14, 2015 0142AM Gender inequality).

Assim, nessa mesma premissa, incide a questão da importância do uso da mídia (internet), especificamente o Blog pessoal para revelar o que acontece no território que essas mulheres habitam e que ao mesmo tempo permeia no terreno desconhecido. Analisando sob a perspectiva midiática é importante ressaltar os veículos que trouxeram sentido para as vozes

dessas mulheres, e através do trabalho deles, essas vozes puderam ser ouvidas em outras partes do mundo, e, não obstante, o questionamento de quão importante é legitimidade do gênero feminino.

Relação Malala Yousafzai e família

Dentro das necessidades da cultura patchun, Malala encontrou no pai uma ancora para seus sonhos, os patchuns não surpreendem de acordo com os relatos da garota. Ela transcreve a valorização dos meninos em detrimento das meninas, essa perspectiva de vantagem e desvantagem é a todo momento abordado no livro como ponto de convergência, que explica de maneira fraternal a experiência do pai e da filha em encontrarem um meio-termo para suas vidas.

Nasci menina num lugar onde os rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar. Para a maioria dos pachtuns, o dia em que nasce uma menina é considerado sombrio. (YOUSAFZAI, MALALA, p.21,1997).

E essa subserviência à cultura patchun pode ser criticada como arcaica ou inconcebível na percepção ocidental, mas essa realidade é alimentada pela dominação do poder masculino, que simbolicamente e fisicamente impõe uma violência e replicada sem contestação por gerações de pessoas, mas o que modifica essa visão na família Yousafzai ironicamente, não é a mãe, que na família foi a pessoa menos descrita por Malala. A falta de educação pode ser interpretada nesse caso com destaque como ela comenta: “Minha mãe começou a frequentar a escola aos seis anos e a abandonou com a mesma idade.” Em outra pequena passagem, essa diferença entre sua mãe e pai fica mais clara: “Mamãe só se arrependeu de ter abandonado a escola quando conheceu meu pai. Ele havia lido muitos livros, escrevia poemas que ela não sabia ler e ambicionava ter sua própria escola.”

É particularmente interessante imaginar que mesmo com o discurso de liberdade que a ativista promove, de contracultura, de fomentação de uma nova concepção de direitos humanos para os homens e mulheres que habitam naquele território, pode-se afirmar, que exista no mínimo uma contradição ao ficar evidenciado pela narrativa do livro a exaltação do pai como o “falcão”, membro mais significativo, mais descrito, da família. Para a luta que a garota representa e de uma maneira muito menor, vista nas entrevistas, documentários, filmes a distância que ela delineia com a mãe evidencia que ela acaba replicando indiretamente a valorização seja pelo viés da segregação familiar através da educação ou sexista, o que mais representa a voz dela: o pai.

Foi em Spal Bandi que meu pai conheceu, pela primeira vez, mulheres que tinham liberdade e que não ficavam escondidas, como em sua aldeia. Elas se reuniam em um belo local no topo da montanha, para conversar sobre o cotidiano. Era incomum que mulheres tivessem um ponto de encontro fora de casa. Também foi lá que meu pai conheceu seu mentor, Akbar Khan, que não frequentou a faculdade, mas emprestou dinheiro para que eu pai cursasse uma. Como minha mãe, AAkabar Khan não tinha educação formal, mas possuía outro tipo de sabedoria. (YOUSAFZAI, MALALA, p.53,1997).

Mas as expectativas da mãe constroem de maneira consistente as expectativas da mulher paquistanesa, antes de casar com Ziauddin, pai de Malala, ela ficou entusiasmada por estar em Mingora, Malala descreve que para sua mãe, as mulheres tinham seus sonhos à beira do rio, com quase todas dizendo que queria casar, ter filhos e cozinhar para o marido. Entretanto, mesmo sem a formação que o futuro marido tinha, a perspectiva de vida dela era maior dentro da realidade daquela sociedade, ela dizia que queria morar em uma cidade porque poderia mandar buscar kebabs e naan em vez de cozinhar.

Ao entender a importância do núcleo familiar, é mais tangível entender empiricamente porque algumas mulheres nessa sociedade não estão ajustadas com a realidade que lhe são oferecidas como na conclusão da visão de Cabré.

Estas questões nos permitem reconsiderar, a partir das práticas sociais, a interpretação androcêntricas das sociedades árabe-mulçumanas, sua ideologia, e o gênero que propõem: as mulheres assim como os homens, constituem, recriam e legitimam o parentesco árabe-mulçumano e, desta maneira, contribuem para a manutenção de suas sociedades. No entanto, sua contribuição não tem sido reconhecida, com o propósito de simular uma absoluta, mas irreal, preponderância masculina. (Os direitos Humanos das mulheres no século XXI p.67)

Entretanto, é preciso pontuar que a atuação de Malala como edificadora dos direitos das mulheres, no cerne de seu desprendimento territorial, comoveu outros veículos midiáticos que atuam como investigadores pontuais de conflitos territoriais nos países orientais. Dentro desse conjunto de diálogos, pode-se destacar os veículos The New York Times e posteriormente, BBC (British Broadcasting Mídia) como discorrem os próximos parágrafos.

Relação Malala Yousafzai e BBC

Para compreender a ordem cronológica da história de Malala, e como foi possível que ela fosse conhecida nos principais veículos de informações, é essencial compreender como os

diários publicados por ela, transformaram o mito de Gul Makai em realidade. Gul Makai é uma heroína do folclore pachtum que significa centaurea-azul, ela teria um paralelo com a história de Romeo e Julieta nesse caso, sendo Gul Makai e Musa Kahan, que se conheceram na mesma escola, porém de tribos diferentes assim provocando uma guerra. Diferentemente do romance de Shakespeare, o folclore termina com a Gul Makai ensinando os mais velhos da tribo através do Corão, que a guerra é ruim e, por conseguinte, os líderes das tribos cessaram as guerras.

Esse recorte de cultura que Malala não se abstém de contar em seu livro, ilustra o que seria quase uma predestinação do que estava para advir em seu caminho. Ela usou esse codinome “Gul Makai” para publicar seu diário com incentivo de um amigo do seu pai, que porventura, tinha ligações com os repórteres da BBC e com ajuda de amigos, conseguiu que suas ligações telefônicas fossem transmitidas e transcritas em Urdo no portal da BBC no dia 3 de janeiro de 2009.

Eu estava de mal humor para ir para escola porque as férias de inverno começam amanhã. O diretor anunciou as férias, mas não disse quando a escola seria reaberta. Essa era a primeira vez que isso acontecia. No passado o dia de reabertura era sempre anunciado antecipadamente. O diretor não nos disse o motivo por trás do não anuncio, mas eu acho que é porque o Talibã tinha anunciado uma proibição para educação das garotas. (Diary of a Pakistan schoolgirl – January 15th for BBC).

A abertura que a BBC concedeu para que Malala discorresse sobre sua vida em uma zona de conflitos, foi essencialmente importante, em parte porque a garota paquistanesa conseguiu dialogar e expor o microcosmo de problemas locais que reverberavam nos problemas domésticos que ela tinha – ir ou não ir para escola, mas sobretudo, transformar esse elemento de impossibilidade de ir para escola em uma anormalidade. O maior feito dela, foi traduzir em palavras a sua impotência como menina diante dos flagelos de sua comunidade.

Algumas amigas saíram do vale do Swat porque a situação é muito perigosa. Eu não saio de casa. De noite Maulana Dauran (O colérico do Taliban que anunciou a proibição das meninas para irem à escola) mais uma vez, alertou as mulheres a não saírem de suas casas. Ele também anunciou que iria explodir as escolas que estavam sendo usadas por forças de segurança. Maulana Shah Dauran disse em seu discurso na rádio FM que três “ladrões” seriam chicoteados amanhã e quem quisesse, poderia vir e assistir. (Diary of a Pakistan schoolgirl – January 22th for BBC – 01:11:04 GMT).

A obstrução do direto de ir estudar foi promovida por Maulana Shah Dauran, porque na concepção do Taliban, não é razoável as mulheres estudarem, por conseguinte, para que o poder coercitivo que eles exerciam fizesse sentido, era preciso conscientizar de que pensar o contrário estava imbuído não só o dever de não ir, mas também as consequências para aqueles que

desobedecessem diretamente ou não as ordens e preceitos estabelecidos por esse grupo extremista. Essa sensação de impotência e o teor de atrocidade da forma que era apresentada foi motivo de indagação por Malala como no trecho abaixo,

Estou surpresa que quando nós sofremos tanto, por que ainda pessoas querem ir e assistir essas coisas (atrocidades promovidas em praça pública pelo talibã)? Por que o exército não freia eles de promoverem tais atos? Eu tenho visto que onde quer que exista o exército sempre tem um membro do talibã por perto, porém quando tem um membro do talibã por perto o exército sempre não estará. (Diary of a Pakistan schoolgirl – January 22th for BBC – 01:11:04 GMT).

No relato de Malala, sempre existe dois elementos cruciais para que a BBC pudesse atuar como um órgão de imprensa competente para desvincular os preconceitos que o jornalismo ocidental tem sobre a cultura Islâmica e, abrir esse espaço para que ela pudesse contar sua história. O primeiro elemento é a descrição fidedigna de um problema não só comum para ela, mas para toda a parte da sociedade que vive sob a redoma dos extremistas. O segundo elemento perceptível, é que com o incentivo do pai e primordialmente a vontade de ir para escola, Malala através do seu carisma conseguiu chamar à atenção de outro veículo que na mesma medida vinculou seu diário, mas sem o codinome outrora usado. A partir desse ponto, no qual ela é personagem principal de um documentário do jornal The New York Times, Malala deixa de ser simplesmente uma peça ornamental de um diário quase folclórico e vira uma garota, mulher e promotora da insatisfação da falta de oportunidades e direitos para as meninas do vale do Swat.

Relação Malala Yousafzai e The New York Times

No dia 14 de janeiro a escola de Malala tinha sido fechada, como os fatos são narrados em uma forma particular era preciso externar as diferenças entre os relatos postados pelo blog na BBC e posteriormente no documentário para o site do New York Times, o recorde de realidade exposto era diferente da primeira mídia, não melhor em termos de conteúdo, porque não existe maneira de categorizar ou hierarquizar informações pelo formato sob a perspectiva de solução de um conflito.

Entretanto, Adam Ellick, documentarista e jornalista do New York conseguiu entender o escopo da história de Malala ao desvincular-se da primeira pauta que seria acompanhar o último dia de trabalho na escola do pai de Malala e pergunta-lhe sobre o que ela faria se um dia não pudesse voltar para o vale e à escola, ela não resistiu, chorou e, o foco da notícia, do arco que permeia as realidades midiáticas e as próprias relações humanas entre entrevistado e entrevistada mudou. O desafio está muitas vezes para a produção do jornalista traduzir o que

não é perceptível no mundo real, aquele que é facilmente assimilado pela cultura de massa sem se estender, entender, investigar e moldar o conteúdo.

A dançarina Shabana foi assassinada em uma noite gélida de janeiro de 2009. Ela morava em Banr Bazaar, uma rua estreita e irregular de Migora, famosa por suas dançarinas e músicos. O pai de Shabana disse que um grupo de homens batera à porta da casa da filha e pediram-lhe que se apresentasse para eles. A moça se vestiu e quando voltou, com suas roupas de dança, os homens sacaram suas armas e avisaram que cortariam sua garganta. Isso aconteceu depois do toque de recolher das nove da noite, e as pessoas ouviram gritar: "Prometo parar! Não vou mais cantar nem dançar! Me deixem, por favor! Sou mulher, uma mulçumana. Não me matem! ". Então tiros foram ouvidos, e seu corpo vorado de balas foi arrastado até a praça Verde. Tantos corpos haviam sido deixados lá que as pessoas começaram a chama-la de praça Sangrenta. Ficamos sabendo da morte de Shabana na manhã seguinte. Na Mulá FM, Fazlullah, disse que ela merecera morrer, por seu caráter imoral, e que todas as moças que se apresentasse na Banr Bazaar seriam mortas, uma a uma. (YOUSAFZAI, MALALA, p.158,1997).

Volatizar o momento singular na vida da menina em uma exposição midiática constante, teve seu efeito positivo e negativo. Proporcionalmente, seria um falso julgamento dizer que a exposição da intimidade de Malala seria despercebida pelos seus vizinhos e adentrasse em sua comunidade como algo normal, vivida naquela região. Os efeitos colaterais desse processo, coexistem com a história da Paquistanesa, a percepção dos terroristas era de normatização do terror, e não há dúvida que qualquer forma de mídia promove modificações tanto na interlocução do 'bem maior' e, não obstante, na mesma ironia semântica o mal inerente de grupos marginalizados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Conceitos inerentes à discussão dos direitos das mulheres sob a perspectiva de direitos e movimentos de mulheres:

Ao inferir sobre os direitos humanos das mulheres, Cabré constrói sob a perspectiva judicial, uma extensa ordenação de como os países do oriente médio converge conceitos inerentes à essa sociedade e como a hierarquização desses movimentos compõe o que pode ser chamado de cultura, ela cita três países que se aproximam muito da realidade da qual a personagem Malala Yousafzai está incluída. O primeiro conceito primordial, é a patrilinearidade, isto é, a classificação de um povo e sua decadência é contada através da linha paterna.

Para a maioria dos patchuns, o dia que nasce uma menina é considerado sombrio. O primo do meu pai, Jehan Sher Khan Yousafzai, foi um dos poucos a nos visitar para celebrar meu nascimento e até mesmo nos deu uma boa soma em dinheiro. Levou uma grande árvore genealógica que remontava até meu trisavô, e que mostrava apenas as linhas de descendência masculina. Meu pai, Ziauddin, é diferente da maioria dos homens pachtuns. Pegou a árvore e riscou uma linha a partir de seu nome, no formato de um pirulito. Ao final da linha escreveu “Malala”. O primo riu, atônico. O meu pai não se importou. Disse que olhou nos meus olhos assim que nasci e se apaixonou. Comentou com as pessoas: “Sei que há algo de diferente nessa criança”. (YOUSAFZAI, MALALA, p.21,1997).

Na cultura Patchum, a figura do homem é representada em todas relações, a promoção da igualdade de educação nasce na ambição do pai de Malala, nesse estudo de caso para promover uma igualdade. No mesmo aspecto, é válido correlacionar a figura do homem como hierarquizada, superior em todos os aspectos, racionalmente esse mesmo sentido de hierarquização é projetado em toda sociedade. Ser homem na sociedade paquistanesa, e zelar pelos costumes é um peso social regrado, difícil -

A filha de um Khan não podia se casar com o filho de um barbeiro, e a filha de um barbeiro não podia se casar com o filho de um Khan. Nós patchuns, adoramos sapatos, mas não os sapateiros; adoramos nossos lençóis e cobertores, mas não o tecelão. Os trabalhadores manuais davam uma enorme contribuição para nossa sociedade, mas não recebiam reconhecimento e por isso muitos deles se juntaram ao Talibã – para finalmente obter status e poder. (YOUSAFZAI, MALALA, p. 158,1997).

Elementos da patrilocalidade são importantes na dimensão espaço-social que mulheres de outros países são obrigadas a conviver, como no exemplo do Marrocos, onde a os códigos civis e a constituição são arquitetados e direcionados pela nacionalidade do homem.

Uma diferença entre os sexos se estabelece pelo fato de que uma mulher mulçumana não pode se casar com um homem não-mulçumano, a não ser que ele se converta ao islamismo (art.29). O contrário, porém, é permitido. A finalidade do matrimônio é a procriação, e isso faz diminuir os novos papéis das mulheres. (Os direitos Humanos das mulheres no século XXI p.56).

Na Argélia segundo a autora, o mesmo se aplica, porém é na Tunísia a autora Cabré relata que o código do estatuto pessoal é o mais crítico do norte da África em relação ao fiqh, condenando aspectos que já tinham sido incorporados pela cultura mulçumana como a poligamia, o repúdio, a adoção e o aborto. Porém, o país não é tão progressista como parece, nas leis que regem o código familiar por exemplo,

A poligamia é proibida e a lei prevê um ano de prisão para quem desobedece-la (art.18). A filiação é agnática (art. 69), ou seja, o pai dá legitimidade à família e só com sua morte a tutela

legal feminina poderá ser exercida (art.154) como explica Cabré. Por um lado, constatamos que, por mais que tivesse ocorrido mudanças, os grandes nós da legislação permaneceram.

CONCLUSÃO

Através desse trabalho foi possível concluir que ainda existem muitas questões concernentes aos direitos humanos das mulheres em países orientais que podem e servem para reflexões futuras sobre a visão midiática dos fatos jornalísticos nesses países. Entretanto, na análise de caso Malala Yousafzai, foi possível entender que é leviano entender ou estudar a cultura Oriental como algo distante e passível de repúdio. É preciso ser paquistanês para entender o que acontece no Paquistão.

O papel do jornalismo metodológico, ético, e ciente dos dilemas que se estabelecem nessas regiões é de se aproximar o máximo possível dos fatos. A normatização de processos investigativos aliados com os jornalísticos reverberam no pluralismo desses fatos e chegam ao extremo dos vales e vilas isoladas onde outras lendas como Malala Yousafzai resistem e existem em nome de um bem maior, que é a liberdade de ir para escola e acima de tudo a equiparação dos direitos humanos das mulheres.

A inviolabilidade desses direitos deve ser considerada, Malala não é uma lenda esquecida ao norte de algum país Árabe, nem muito menos sua figura emblemática do prêmio Nobel da Paz, guardado por um véu, Malala transfigura em sua face serena o sofrimento e a esperança: “Eu sonho com um país onde a educação prevalecerá.” – MALALA YOUSAFZAI.

APOIO:

O presente projeto deve sua realização à ajuda proporcionada pelo financiamento da agência CNPq/PIBIC.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço imensamente à Prof.^a. Dr.^a. Ines Manuel Minardi que, na orientação deste projeto, que dedicou seu tempo e trabalho para a fomentação do mesmo, por sua competência acadêmica e dedicação. À Prof.^a. Dr.^a. Rosana Schwartz pela dedicação, pelos momentos de reflexão sobre os direitos femininos, pela humildade e capacidade de oferecer o melhor do seu trabalho de forma transparente e clara, sobretudo por acreditar que a mulher tem um papel

primordial na sustentação da sociedade em que vivemos. Agradeço aos meus pais pela motivação. Aos amigos Luís Ottoni e Claude por ouvirem pacientes minhas teorias sobre as mulheres no Oriente. À Malala Yousafzai, qual eu dedico este trabalho. E por fim, agradeço à agência financiadora do projeto, o Instituto Presbiteriano Mackenzie pela iniciativa de motivar alunos à pesquisa e o CNPq/PIBIC, sem a qual não seria possível a sua realização.

BIBLIOGRAFIA:

A ONU E AS MULHERES Disponível em: < <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-mulheres/> em: 31 de outubro de 2014.

BIELEFELDT, 2000 - **POLITICAL THEORY**, vol 28No. 1 (Feb.,2000 90-121)

COMPARATO, Fábio Konder, 1936- **A afirmação histórica dos direitos humanos** / Fábio Konder Comparato. - 3. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Saraiva, 2003

DIARY OF A PAKISTANI SCHOOGIRL Disponível em: < www.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7881255.stm em: 02 de dezembro de 2015.

LAMB, Cristina, YOUSAFZAI, Malala. **Eu sou Malala – A garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria - **Fundamentos de metodologia científica 1**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

Os direitos humanos das mulheres nas religiões no século XXI – I curso de Outono da Escola de Teologia Feminista (19, 20 e 21 de novembro de 1999) - São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Sufrágio Feminino Disponível em: < http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/277_arquivo.pdf em: 31 de outubro de 2014.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. Revista Investigações, v. 21, n. 2, jul. /2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes//volume-21-N2.html>>. Data de acesso: 14/03/2010.

YUSUF, HUNA. **Gender Equality Blog** - Disponível em: <<http://www.dawn.com/news/1206792>> . Data de acesso: 12/02/2016